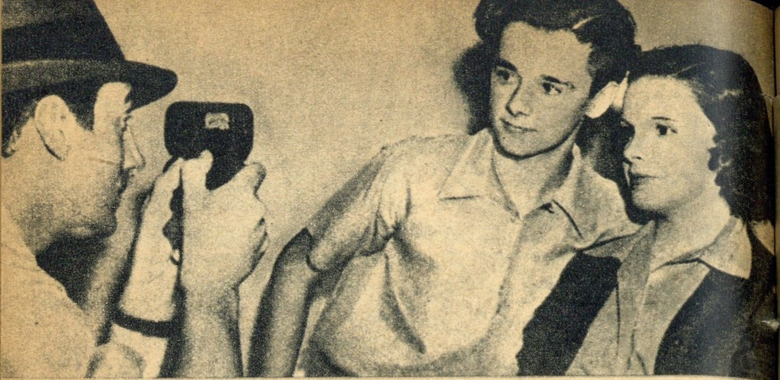

Judy
Garland

ALBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 25)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

A história de JUDY GARLAND

a vedeta FRACASSADA *que pôde reencontrar* O TRIUNFO





Judy surgiu brilhantemente nas telas cinematográficas na altura em que outro talentoso adolescente encantava o público — Fredy Bartholomew. Eis um curioso instantâneo, em que vemos Judy e Freddy a serem fotografados por um actor veterano, Walter Pidgeon.

UMA pequena cidade de província de Minesota. Ano de 1920, ano feliz e romântico, em que a polca fazia estragos nos jovens alegres e nos senhores respeitáveis.

Ethel e Frank Gumm dançam também alegremente ao compasso da polca, e a sua dança tem um duplo sentido, porque para eles a polca é, ao mesmo tempo que uma diversão, um meio de ganhar a vida. Ethel e Frank são novos — um jovem casal que tem duas filhas: Virgínia e Susana. São suas companheiras de trabalho, constituindo todos a «Trcupe Gumm». As raparigas sentem o ritmo como seus pais e riem contentes enquanto dançam. Mas a reduzida companhia Gumm é pouco afortunada, não conhece a celebridade.

Ethel e Frank, com Virgínia e Susana, cantam e dançam num pequeno e humilde teatro daquela cidade de Minesota. O público é acolhedor, quase familiar, e por isso os Gumm não receiam a improvisação porque aquela gente aceita-a com toda a complacência e boa vontade.

Uma noite, depois da sua actuação, quando os Gumm regressavam ao seu lar modesto, encontraram outros companheiros de trabalho e tomaram o caminho juntos.

— Frank, recebi uma corta de Joe. Diz que em Hollywood há lugar para todos — explica um jovem de cabelo brilhante e loiro, que no pequeno teatro deleita os espectadores com os seus malabarismos.

— Joe sempre foi um rapaz de sorte. Ele foi só, e assim a coisa é mais simples, mas connosco é diferente. Somos quatro e é preciso que nos aceitem a todos — explica Frank, desalentado.

— Querido — interveio Ethel. — Temos nós de sair ao encontro da fortuna. Ela não nos virá procurar. Porque não vamos para Hollywood? Em qualquer sítio ganharemos o que ganhamos aqui. Vale a pena tentar...

— Está bem, Ethel. Creio que tens razão. Público como o de Minesota não faltará por esses caminhos.

Viajaram para o país dourado da fama, mas ràpidamente mudaram de ideias. Foi perto de Minesota, a uns 300 quilómetros de distância.

— Verás, Ethel. Isto está muito próximo do Canadá. Tem grande movimento: mineiros, agricultores, potentados...

— Talvez não seja preciso ir a Hollywood; a fortuna pode estar em qualquer parte. Apenas é preciso procurá-la com afinco — concorda alegremente Ethel, ajudando o marido a transportar as malas e pondo as sombrinhas nas mãos de Susana e Virgínia, que olhavam com os seus g r a n d e s olhos infantis o novo mundo.

Mas não tiveram muita sorte. E foi preciso empreender o caminho de San Pablo, a capital mais próxima de Mineápolis.

Em San Pablo, os sonhos do agrupamento Gumm começaram a tornar-se realidade. Ali, naquela fértil cidade próxima do grande lago Superior, obtiveram um êxito retumbante e foram muito aplaudidos. Mas não permaneceram ali muito tempo. Iniciaram uma digressão de província em província e de povoação em povoação. Susana e Virgínia dançavam com eles e a pequena família considerava-se feliz com aquela vida de ciganos.

Passaram três anos. 1923. Os Gumm eram contratados dum barracão de feira em Gran Rápido. Susana, naquela noite, substituira no espectáculo a sua mãe, que foi transportada urgentemente a um hospital, onde pouco depois nascia a terceira filha de Ethel e Frank. Estava-se a 10 de Junho de 1923.

— Chamar-se-á Francis, como tu — disse Ethel.

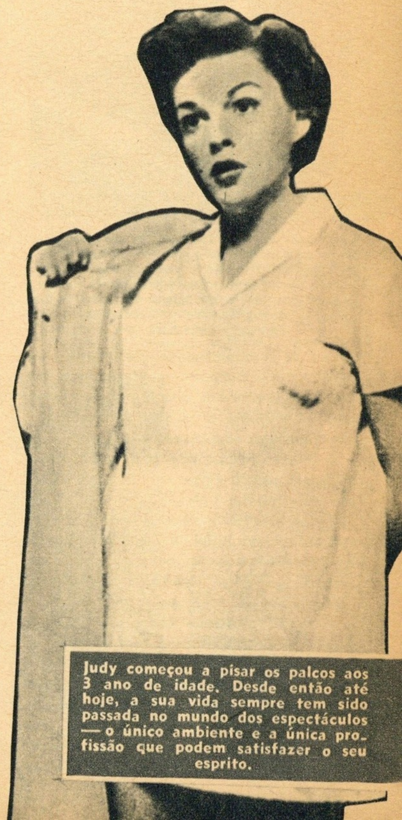
— É maravilhoso, querida. Já pensaste no seu futuro? — pergunta sorridente o marido.

— Temos de procurar para ela qualquer coisa de muito grande, Frank. Que poderá ser?

— Faremos de Francis uma «Gumm Sister» — sentenciou ele, acolhendo a mãozita corada da recém-nascida.

★

AOS três anos, Francis, como se adivinhasse o seu futuro, demonstrava já uma facilidade extraordinária para enfrentar as luzes da ribalta, e era



Judy começou a pisar os palcos aos 3 ano de idade. Desde então até hoje, a sua vida sempre tem sido passada no mundo dos espectáculos — o único ambiente e a única profissão que podem satisfazer o seu esprito.



Passando, ainda adolescente, de «estrelinha» de um modesto «show» para vedeta do cinema, Judy interessou-se profundamente pela sua nova carreira. Estudou, aperfeiçoou-se, e em breve seria um nome popular, notabilizando-se como intérprete de películas músicais.

capaz de cantar uma canção inteira sem desafinar ou enganar-se. Os amigos dos Gumm asseguravam que Francis era uma menina prodígio e os seus pais e irmãs mostravam-se orgulhosos dela.

— Frank, porque não fazes subir a tua filha ao palco? Seria interessante saber até que ponto tem fibra de actriz — havia aconselhado Alice, num intervalo.

Frank olhou Ethel, e esta, preocupada naquele momento em pentear a pequena Francis, sorriu ao esposo, e ela mesma acompanhou a filha ao palco.

— Anda. Mostra a todos que és uma Gumm autêntica. Recordas-te dessa canção, a «Jingle Bells»?

A menina concordou e deu um beijo a sua mãe. Depois ficou só no grande palco. Frank sentou-se ao piano e deu uma olhadela à filha antes de deslizar os dedos no teclado. Fez-se logo silêncio e escutou-se a música de «Jingle Bells». Francis, tranquila, começou a primeira estrofe sem uma dúvida, sem titubear. Depois a segunda. E quando acabou a última nota, susteve-se até terminar num grito. O público aplaudiu, entusiasmado. A miúda, sem pestanejar, fez sinal a seu pai, que continuava no piano e começou de novo a canção. Novamente estalaram os aplausos, e outra vez Francis iniciou o canto. Repetiu «Jingle Bells» seis vezes consecutivas com a mesma alegria nos olhos e o mesmo sorriso irónico no semblante; não parecia disposta a terminar a canção; era a sua primeira apresentação e pretendia fazê-lo exaustivamente. O público, paciente até ao extremo, começou a cansar-se daquela cançãozita que já havia penetrado nos seus cérebros; alguns assobiaram. O empresário mexia-se, inquieto, entre os bastidores; Frank já havia fechado o piano logo que a sua filha começou pela terceira vez a canção. Ethel, nervosa, indicava a Francis que abandonasse o palco, mas a rapariguinha, serena e impassível, permanecia no proscénio sem se dar por vencida.

— Há que tomar uma resolução! — gritou, furioso, o empresário. — Desçam o pano!

E Francis, ao sentir-se prostergada por aquela grande massa de pano vermelho que a separava do público sem contemplações, chorou, desalentada. Foi só um instante. Imeditamente se decidiu: abriu o pano e aprsentou-se outra vez ante o público. E outra vez a primeira estrofe de «Jingle Bells» saiu dos seus lábios.

— Creio que teremos de ir buscá-la — sentenciou Frank ao atónito empresário. — O interesse de minha filha, a sua vocação pelo teatro, é mais séria do que eu mesmo imaginara; esta menina agarra-se ao palco como um pobre náufrago a um barco salvador.

O empresário olhou-o, nervoso, e saiu em direcção à criança. Tomou-a pela mão. Francis saudou com elegância, e

seguiu-o imediatamente, submissa. O empresário levou-a ao camarim de seus pais. Estes já haviam saído para o palco, para acalmar o público, depois da representação da «terceira Irmã Gumm».

O empresário, um cinquentão de cabelo negro e bigode aparado, com um anel a brilhar-lhe no dedo mínimo, olhava, enfurecido, a pequena.

— Nunca mais! Ouves? Nunca mais! Quando te lembrares de abrir a boca e cantar uma só nota, garanto-te que trarei um cão-lobo para que te morda, compreendes?

Francis começou a chorar. Estavam assim as coisas quando entraram os pais no camarim, depois da sua actuação. Ethel correu logo e tomou a filhita nos braços.

— Mamã! Este senhor diz que vai procurar um cão para que me coma — dizia a menina, entre lágrimas.

— Senhor Gerald; saiba que não consentirei que ameace a minha filha nem uma só vez que seja. Não lhe parece suficiente tê-la afastado daquele modo do palco? Esquece-se de que ela tem três anos?



Um dos pormenores que começou a exercer nefasta influência na carreira de Judy Garland, foi o ter engordado consideràvelmente, como podemos observar nesta imagem, em que aparece junto de Marlon Brando e Edmond O'Brien, num clube nocturno.



Num «party» oferecido por Sonja Henie, Judy conversa animadamente com a ex-rainha do patim e com o famoso pianista Liberace. Por esta época, a modificação física de Judy e o seu temperamento fàcilmente irritável, que a levava à indisciplina e à desobediência, começaram a descontentar os produtores. Tempo depois, os estúdios da «Metro» informavam-na de que «podiam prescindir do seu trabalho».

— A sua filha podia arruinar-me — respondeu, com gritos furiosos, o empresário cinquentão.

— A minha filha será uma grande estrela, e você arrepender-se-á toda a sua vida do seu acto vergonhoso.

— Mas não viu que o público ia abandonar o teatro? Estão convencidos de que têem uma filha prodígio, não é assim? — insinuou com um sorriso irónico, o senhor Gerald.

— Você o que tem é uma grande inveja porque a sua filha, aos doze anos, só sabe a tabuada até à multiplicação e não consegue aprender uma poesia de memória para recitar no dia de Natal. Não pretenderá dizer-me que é a sua filha o prodígio, não é verdade? — perguntou, já fora de si, o senhor Gumm.

— Pretendo fazer de minha filha uma senhora e não uma bailarina.

— Isto é um insulto à minha dignidade! — gritou a senhora Gumm. — Eu sou uma bailarina e não me tenho por menos respeitável do que qualquer senhora do Exército de Salvação. E minhas filhas serão umas senhoras como pode sê-lo a sua; com a única diferença de que Francis, Susana e Virgínia são muito mais inteligentes.

— Já viu o juízo do público no respeito à inteligência desssa raparigota — riu, irónico, o empresário. — Foram injustos, não?

— Sem dúvida! Nenhum habitante desta cidade entende o mínimo de arte; são todos uns ignorantes. Que quer que entenda um público formado por camponeses e mineiros da arte e da sensibilidade da minha Francis? — exclamou,



Alegre, dinâmica, irrequieta, Judy tornou-se, desde tenra idade, uma menina mimada do público. Pode dizer-se que ela nasceu sob o signo do êxito e da fama. E a prová-lo está o facto de ter conseguido, após um terrível descalabro moral, físico e profissional, voltar a ser uma «estrela» cintilante.



Um comentário espontâneo de Judy Garland, que já deixava vislumbrar o seu desgosto pela gordura que, pouco a pouco, ia roubando a graciosidade ao seu corpo. Perante as linhas airosas de Debbie Reynolds, não se conteve e exclamou: «Quanto não daria para ter a tua figura!».

num tom de desprezo, Frank. — Nem esses potentados que enriqueceram à custa do suor dos mineiros podem entender-nos, senhor Gerald. Basta olhar para si para compreender que tenho razão.

Ethel Gumm secava as lágrimas de Francis e sublinhava com significativos movimentos de cabeça as palavras do seu marido.

— Algum dia os senhores compreenderão em que consiste o nosso orgulho, senhor Gerald.

★

PASSARAM quatro meses. Os Gumm estabeleceram-se em Lencaster, muito próximo de Hollywood. Francis ingressou na escola de arte dramática da cidade, Tinha então quatro anos. Aos seis anos passou a tomar parte no trio das irmãs Gumm.

— Frank, creio que se nota uma grande diferença entre Susana, Virgínia e Francis. É demasiado pequena ao lado delas — disse Ethel.

— Isso tem remédio fácil, querida. Rejuvenesceremos Susy e Virgínia, que te parece? — perguntou alegremente o senhor Gumm.

— Bem! Poremos uma saiazinha por cima das meias, uma blusa branca e uma boina da mesma cor.

Quando o público pôde contemplar as «Irmãs Gumm», esteve de acordo em que as três irmãs sabiam imprimir graça e alegria ao espectáculo. Dançavam e cantavam com grande desenvoltura e eram a admiração dos concorrentes.

Toda a plateia aplaudia, entusiasmada, e elogiava o trabalho das «Irmãs Gumm». O público da geral, sempre mais espon-

tâneo e primitivo, dedicava frases alegres e calorosas de admiração, que eram aplaudidas por todos. As meninas haviam sabido impor-se e o triunfo foi rotundo. Os jornais comentavam o seu trabalho com interesse e ràpidamente os empresários acorreram a propor ao casal Gumm contratos para levar as suas filhas aos grandes teatros.



★

IAM estrear-se no grande teatro da cidade e o empresário anunciou em enormes cartazes o nome das três irmãs. Por lapso, cometeu o erro de escrever «Glumm Sisters», que se traduzia por «irmãs tristes», e o resultado foi nefasto para as três mulherzitas, que viram o público sorrir irónico por considerar ridículo que se esforçassem por aparentar uma alegria absurda quando eram anunciadas como «tristes como um funeral». Ethel e Frank não se queriam convencer de que tudo aquilo não fosse um sonho. Estavam realmente desesperados.

Naquela noite, Jessel, o palhaço que fazia rir grandes e pequenos, viu Francis sentada junto do piano, quando terminara a representação. Chorava silenciosamente na escuridão, enquanto a sua mãozita deslizava ritmicamente sobre as teclas. Jessel aproximou-se da menina.

— Francis, os teus pais andam à tua procura... Que fazes aqui, pequena? Não tens medo da escuridão?

— Pensava na maldade do público, Jessel.

— Não, queridinha. O público é como um grande menino que não tivesse ido ao colégio. As suas reacções são impulsionadas pelo exterior, sem personalidade própria; ri quando ri o da cadeira do lado, e faz fracassar um espectáculo porque um bebado gritou num determinado momento que aquilo é mau.

— Que se pode fazer, Jessel?

— Isso o procuraremos agora. Tudo consiste em encontrarmos um nome apropriado; o de «Gumm Sisters» já não serve, disseram demasiadas graças à custa dos «Glumm».

— Teria que ser um alegre e bonito — disse a rapariga.

Os senhores Gumm opunham-se a trocar o seu apelido, de que se consideravam orgulhosos, mas finalmente decidiram que Francis mudasse o seu nome pelo de Judy Garland, e as «Irmãs Gumm» se convertessem nas «Irmãs Garland».

Durante a crise que abalou a sua vida, nesses dias obscuros em que se entregou ao mais obstinado desânimo, Judy viu-se abandonada pela maior parte dos seus amigos de Hollywood e companheiros de estúdio. Certo era que os seus nervos abalados a tinham levado a tomar, por vezes, atitudes rispidas para com eles, mas o desequilíbrio do seu estado psíquico era, só por si, atenuante forte para que os seus actos desagradáveis fossem desculpados. Algumas amizades sinceras, porém, a reconfortaram em todos os momentos, entre elas a de Bing Crosby, com quem vemos Judy nestas duas imagens. Bing foi dos que nunca se convenceram de que a «estrela» de Judy pudesse deixar de brilhar.



É a época dos meninos artistas: Jackie Coogan e Freddie Bartholomew entusiasmavam todos os públicos de Chicago, Nova Iorque e São Francisco. As «Irmãs Garland», haviam por fim encontrado a sua boa estrela. A fortuna e a celebridade eram já um facto para elas. Ethel e Frank resignaram-se àquele pseudónimo quando viram as suas filhas rodeadas de flores, de luzes e de elogios. Iam seguindo as suas filhas e chamavam-se a si próprios a «Troupe dos Gumm». Actuaram na Califórnia, Texas e em todas as cidades que encontravam no caminho. Em 1935, quando Judy Garland contava doze anos, chegaram aos arredores de Hollywood. Enquanto actuavam, um descobridor de talentos fixou-a: baixita de estatura, nervosa, dinâmica e alegre. Na M.G.M. falou com entusiasmo na sua descoberta.

— Dança melhor do que Ginger Rogers — disse.

★



Outro companheiro esplêndido que Judy sempre procurava com o maior prazer: o saudoso Humphrey Bogart. Actor com A grande, Bogart admirava profundamente o talento e a personalidade de Judy.

— Não quero crianças nos estúdios. Bastantes preocupações nos dão esses cavalheirotes maduros. Os meninos com os pais...

— Mas Judy Garland é uma excepção... — insistiu. — Canta como os anjos.

— Já temos a Diana Durbin.

— Por favor, uma pequena prova. E se não estiverem de acordo, não se fala mais nisso.

A prova nos estúdios da Culver City foi perfeita.

— Bem! Você tem razão. Esta moça é excepcional. Mas Diana Durbin cantará em «Every Sunday Afternoon».

— E porque não cantam as duas? Pode ser um êxito. São ambas quase crianças, e creio que seriam bem acolhidas — propôs o descobridor de Judy.

O produtor olhou Judy, que esperava, sorridente, o veredito.

— Podemos experimentar — disse finalmente. — Pode chamar o seu pai. Judy cantará as canções ligeiras de «jazz» e Diana Durbin a opereta lírica. Assim contentamos os dois públicos. Lançaremos a propaganda com esta frase: «Every Sunday Afternoon», um filme com duas vozes de oiro».

O senhor Frank Gumm, depois de esperar durante vinte e quatro horas para ser recebido, abordou o produtor:

— Sou Gumm, e espero ser recebido imediatamente... — declarou.

— Senhor Gumm, há gente que espera durante um ano.

— Mas o senhor mandou-me chamar. Sou o pai de Judy.

— Ah! E porque se não apresentou com o seu nome? — perguntou, surpreendido, o produtor. — Podia ter dito logo que era o senhor Garland.

— Mas o meu nome é Gumm.

— Bem. Não tive a culpa. Entre no meu gabinete.

Na mesa havia um contrato pronto para ser assinado.

— A sua filha receberá mil dólares semanais, e nós nos encarregaremos de que siga os seus estudos na escola para actrizes infantis. Você comprometer-se-á a nunca mais a fazer trabalhar no seu espectáculo, pois é nosso desejo que, de hoje em diante, só exista uma Garland no mundo: Judy. As pessoas que queiram vê-la e ouvi-la deverão ir às salas em que se projectam os seus filmes. Tem dois dias para meditar sobre isto, e depois me dará uma resposta.

Na manhã seguinte, à hora do almoço, discutiram o contrato de Judy.

— Creio que o contrato é vantajoso, e mil dólares semanais é uma bonita cifra. Quem me dera tê-los ganho na sua idade! — suspirou Ethel, entusiasmada.

— Mas vai ser um sacrifício para Francis. Está acostumada a não se separar nunca de nós... Há que pensar em tudo, Ethel — advertiu Frank.

A senhora Gumm estava excitada e queria defender a sua opinião.

— Olha, Frank: estou cansada desta vida de nómada; de estações, das pensões onde nunca te conhecem e tens sempre que sorrir; cansada de passar as noites nos comboios para ir duma cidade para outra.

— Mas, Ethel, nunca até agora tinhas falado assim... — interrompeu o marido.

— Acalma-te.

— Não sou uma rapariga, Frank. Desejo viver num sítio fixo, ter amigas e falar com elas das infidelidades que cometem às vezes os homens. Para mais, não me desagradaria conhecer a gente do cinema. Tenho grandes desejos de ter um lugar onde cantar, rir e chorar se for preciso, sem ter que dar contas a ninguém.

— De acordo, querida. Tens toda a razão; eu só procurava a discussão — afirmou, sorridente. E depois dirigiu-se a suas filhas: — Quais as vossas opiniões?

— É uma ideia excelente! Parece-me maravilhoso que fiquemos a viver em Hollywood! —— exclamou Susana.

Susana relacionara-se, havia uma semana, com um jovem bem vestido e simpático. Decidiu aproveitar aquela oportunidade para falar:

— Estou de acordo. Podemos desfazer o trio das irmãs Garland. Tenho quase vinte anos e não posso continuar eternamente a ser a irmã da menina-prodígio. Quero casar — disse, após uma pausa, e terminou, já resoluta: — Quero ter uma casa e um fiho. Estou cansada do teatro, das canções e de dançar.

— Eu também tenho vontade de deixar este vestido ridículo e poder sair e brincar com as raparigas da minha idade — afirmou Virgínia, sem reparar que naquele momento a sua opinião contava pouco



Desde criança que Judy Garland revelou uma sensibilidade apuradíssima, que várias vezes lhe provocou doentias perturbações, e um temperamento bastante complexo.



Judy conquistou a celebridade nos «écrans» como «estrela» azougada de grandes produções musicais.

diante dos grandes problemas que tinham os seus pais. — Será estupendo, Francis; irei ver-te com as minhas amigas e apresentar-nos-ás a Clark Gable, Gary Cooper, Spencer Tracy, Greta Garbo... Como vão ficar invejosas todas as minhas amigas por ter uma irmã «estrela» do cinema! Judy Garland!

«Só existe uma dificuldade — pensou Francis. — Não sei cantar e dançar perante um público que não me vê e não me aplaude enquanto actuo. Além disso, Diana Durbin parece-me uma rapariga bastante antipática».

— E tu que decides, filha? — perguntou Ethel, vendo a filha tão pensativa.

— Não quero estar longe de Virgínia e de Susana — disse. — Além disso, aborrece-me que me queiram obrigar a frequentar a escola outra vez; já sei ler e escrever. Não me agrada que se desfaça o trio das «Irmãs Garland». Posso fazer esse filme, e voltarmos as três para o teatro.

— Não quero mais dançar vestida de menina — respondeu, irónica, Susana. — Além disso, pretendo casar-me.

— Mas antes de te casares, não podemos cantar e dançar as três? — voltou a perguntar Judy, aborrecida.

— É melhor que sejas uma «estrela» de cinema, Francis. Não quero dançar mais.

Judy não compreendia Susana. Era a irmã mais velha, a que lhe havia ensinado os truques para actuar com mais graça. E agora Susana parecia rebelde e lutava para desfazer aquele trio que ela julgara indissolúvel. De repente, Susana pretendia desfazer-se dela e seguir a sua vida ao lado dum homem quase desconhecido. Permaneceu em silêncio, triste. O mundo do cinema era algo de novo que lhe inspirava certo temor. Sentia-se desamparada ali nos estúdios, onde tudo eram máquinas, focos e papel. Deveria actuar sem público, frente a uma fria câmara de metal. Olhou à sua volta e viu a sua família dependente dela. Não pôde evitar as lágrimas, e o nervosismo apoderou-se dela.

— Ninguém me quer bem! — gritou, excitada.

Levantou-se da mesa e refugiou-se no seu quarto. Fechou a porta à chave. Voltou a gritar da cama:

— Se ninguém me quer bem, dá-me vontade de me atirar pela janela!

Os seus pais lançaram-se contra a porta. Bateram, desesperados. Tinham ouvido as últimas palavras de sua filha, e o pânico apoderou-se deles.

— Abre, Francis! Os teus pais querem-te, minha filha! — gritou Ethel, desesperada.

— Francis, não cometas uma loucura. Ninguém te quer obrigar. Abre, filha! Tudo será como desejas. Abre essa porta, Francis!

A voz, agora, era mais débil do outro lado da porta. O ruído dos automóveis chegava da rua com mais força. Frank devia actuar pouco depois. Foi buscar umas ferramentas e ràpidamente arrombou a porta. Foi um instante: em dois saltos estava junto da janela. Agarrou a filha pela cintura e atirou-a para o chão. Ethel, chorava excitada; deitou-se ao lado dela e abraçou-a com força.

— Minha pequena Francis — dizia repetidas vezes. — Minha pequena Francis! Minha filha!

★

Sem pertencer ao género das «vedetas» provocantes, dessas cujas curvas e dimensões atraem as máquinas fotográficas de todo o mundo e provocam os mais excitados artigos, Judy venceu ràpidamente, pelo talento impetuoso e pela exuberante graciosidade.



A vida de Frank Gumm terminou poucas semanas depois. Não pôde ver a actuação de sua filha no cinema, e morreu lamentando-o.

Judy, depois da estreia na curta-metragem «Every Sunday Afternoon», que foi um grande êxito de bilheteira, continuou

nos estúdios de Hollywood. Ethel Gumm convertera-se na administradora de sua filha, e cumpria o cargo com certo prazer e grande desenvoltura. Judy, tal como Diana Durbin, depois do êxito do seu primeiro filme, era já «a pequena «estrela» de Hollywood». Arthur Freed, o produtor, estava satisfeito com o êxito das pequenas, e chamou-as para decidir o caminho a seguir:

— Daqui em diante, Diana, interpretarás películas do género comédia romântica, ingénua e sentimental. Tu, Judy, trabalharás em filmes que sejam uma espécie de revistas dinâmicas. Por fim, acabámos por encontrar uma «estrela» com desenvoltura e talento!

★

CONTINUAVA a aperfeiçoar a sua arte. Sofia Tucker, célebre cantora já retirada, havia sido encarregada de lhe educar a voz, e Gene Kelly, jovem professor de dança que ainda não conhecia de perto os projectores dos estúdios, ensinava-lhe os passos mais difíceis das danças da moda.

Judy conquistava a simpatia do público a cada nova actuação. A M.G.M. baptizou-a com o nome de «a franguita dos ovos de oiro». Sucediam-se os filmes e os êxitos para Judy Garland.

Para Judy também se sucediam os anos. Os estúdios eram já a sua vida, e em torno deles e do seu ambiente corriam os seus melhores dias. Em Hollywood, Judy despertou da sua adolescência e através do cinema, das próprias películas que interpretava, conheceu David Rose, jovem director duma orquestra célebre de música moderna, com a qual havia atravessado os Estados Unidos em todas as direcções. O par parecia entender-se. Judy estava profundamente enamorada daquele jovem, elegante e simpático, que sentia a música como ela e que também amava igualmente tudo que era alegre e agradável da sua arte — inclusivamente a sua frivolidade. David Rose pareceu a Judy, desde o momento em que o apresentaram e dançou em seus braços firmes, o príncipe azul dos seus dezoito anos. Junto a ele sentiu-se outra vez protegida como quando vivera com seu pai.

Casaram-se ràpidamente, com a maior vontade de forjar um lar para toda a vida. A lua-de-mel do jovem par foi uma exaltação à alegria de viver.

No seu regresso a Hollywood, David Rose recebeu um oferecimento vantajoso para actuar com a sua orquestra em Nova Iorque. Aquele foi o motivo do primeiro desgosto sério entre o casal. Judy estava furiosa ao ver a calma com que David expunha as suas razões.

— Mas tu és o meu marido e deves estar comigo.

— E tu? — perguntava ele, sem perder a calma, acariciando a sua mão em gesto pacífico. — Tu és minha mulher, Judy. És tu quem deve seguir-me para Nova Iorque.

— Não é possível. Tenho o meu trabalho e não posso abandonar as filmagens — replicava ela, excitada.

— Nesse caso, querida, teremos de ser pacientes. Tu tens as tuas películas e eu a minha orquestra. Não creio que se prolongue demasiadamente a minha estadia em Nova Iorque. Quando terminares o filme vens para Nova Iorque reunir-te comigo e, em caso contrário, se eu terminar antes o meu contrato, regressarei imediatametne para teu lado. Não quero que chores, Judy. Vamos, sê compreensiva; eu quero atender as tuas razões, e tu deves fazer o mesmo. Não posso estar todo o dia agarrado às tuas saias. Estou demasiado acostumado à minha liberdade.

Judy chorava, desconsolada, no ombro de David.

— Ficarei muito só, querido. Vou ver-te muito menos — disse tristemente, levantando os seus grandes olhos para ele.

David levantou o queixo de sua mulher e beijou os seus lábios com delicadeza.

— Eu também te verei menos, amor. Telefonar-te-ei diàriamente.

★

AS coisas não sucederam como eles desejavam: Judy telefonava para Nova Iorque para o marido, e este nunca estava em casa. David ligava para Hollywood, chamando sua mulher, mas a telefonista tinha ordens dos Estúdios para não interromper a cena que Judy estava a filmar naquele momento. Em Nova Iorque apareceu num jornal uma fotografia de David Rose acompanhado de uma loira desconhecida. Em Hollywood publicou-se um instantâneo de Judy Garland sentada a uma mesa do «Mogambo», acompanhada de Peter Lawford. Em baixo da fotografia podia ler-se: **«Parece certo que foi solicitado o divórcio duma estrela famosa de revistas musicais e um director de orquestra».**

David Rose regressou imediatamente a Hollywood e conseguiu trabalho ali para poder estar junto de sua mulher. Apesar disso, a vida em comum tinha poucas probabilidades de êxito: Judy trabalhava nos estúdios de manhã à noite, e David dirigia a orquestra nos salões de chá até de madrugada. Estavam quase tão afastados na sua própria casa como quando ele estava em Nova Iorque. Judy desesperava-se e decidiu esperar o seu marido de qualquer maneira. Tomava comprimidos para permanecer acordada, mas aqueles excitantes alteravam-lhe o organismo, e na manhã seguinte, quando ia aos Estúdios, era uma mulher ausente, cansada e triste. Por fim, David fez compreender a Judy que aquela situação era insustentável.

— Judy, é preciso que nos separemos. Vais adoecer. Sou o primeiro a desejar encontrar-te a esperar-me quando regresso do trabalho; não posso falar com

As datas mais importantes da vida de Judy Garland

- ★ **1923. Nasce a 10 de Junho, filha de Ethel e Frank Gumm, dançarinos e cantores ambulantes. O seu verdadeiro nome é Francis Gumm.**
- ★ **1926. Começa a cantar em público aos 3 anos.**
- ★ **1929. Aos 6 anos constitui, com as duas irmãs, o «Trio Gumm», que mais tarde passa a denominar-se «Trio Garland».**
- ★ **1935. Filma pela primeira vez (com 12 anos) na curta-metragem musical «Every Sunday Afternoon», em que canta ao lado de Diana Durbin.**
- ★ **1941. Casa com David Rose, director de orquestra, de quem vem a separar-se meses depois.**
- ★ **1944. Divorcia-se de David Rose e casa com o realizador Vicente Minnelli.**
- ★ **1946. Nasce uma filha, Liza.**
- ★ **1950. Com a saúde desequilibrada e o prestígio a decrescer vertiginosamente, tenta pôr termo à vida. Vicente Minnelli divorcia-se dela.**
- ★ **1951. Reaparece triunfalmente no «Paladium» de Londres, depois de um rígido período de preparação orientado pelo agente artístico Sidney Luft.**
- ★ **1952. Casa com Sidney Luft, e, meses mais tarde, nasce outra filha, Lorna.**
- ★ **1954. A estreia do filme «Nasceu uma Estrela» assegura definitivamente a segunda fase da sua carreira de grande vedeta.**

a minha mulher nem fazer projectos para o futuro. Mas não quero também que adoeças para me esperares levantada. Estás cada dia mais desmemoriada e hoje à tarde quando fui buscar-te aos estúdios, estavas com uma crise nervosa que, segundo parece, se repete com frequência.

— Queres que nos divorciemos, David? — perguntou, angustiada, Judy.

— Não quero, Judy. Só pensar nisso me faz sofrer. Por agora separar-nos-emos e procuraremos viver um sem o outro.

Com a separação, Judy sentiu-se desfalecer. Ethel fê-la compreender que só no trabalho encontraria alívio para o seu sofrimento.

Os seus êxitos cinematográficos eram cada vez maiores. Nos filmes continuava a aparecer como a mulher alegre e dinâmica dos seus primeiros anos, e o público acorria a ver as suas interpretações e aclamava o seu trabalho com grande entusiasmo.

Mas Judy não era feliz. Pelo contrário, a sua saúde ressentia-se e piorava de dia para dia. No trabalho, não podia dominar-se e tornava-se intratável. Recusava a companhia dos amigos ou afastava-os de si com más palavras. Discutia com os produtores, directores e com os seus companheiros de trabalho. Fugiam dela quando a viam.

★

HAVIAM passado três anos após a sua separação de David Rose. Estava-se em 1944. Encontrou, então, Vicente Minnelli, um director de Hollywood, que conseguiu fazê-la outra vez sorrir com sinceridade. Judy solicitou o divórcio de Rose e, meses depois, casou-se com Minnelli.

Vicente Minnelli não era um grande director de filmes musicais. Havia conhecido Judy ao dirigir a sua primeira película, e sentiu compaixão por ela. Judy atravessava um momento de crise, e decidiu ajudá-la. Acompanhou-a e ràpidamente a sua compaixão cedeu a um profundo afecto pela actriz da sua película.

— Judy, estou enamorado de ti e pretendo ajudar-te. É preciso que reajas. Eu não posso oferecer-te outra coisa senão o meu carinho. Queres aceitar ser minha mulher?

Estavam num clube nocturno, sentados um ao lado do outro. Judy sustinha uma taça de champanhe entre os dedos, e não se atrevia a olhar o seu realizador.

— Tens pena de mim? — perguntou, depois de levar a taça aos lábios.

— Judy, quero-te. Deverias saber que estou louco por ti. Sinto a tua solidão tanto como a minha própria. Se nos casarmos tudo será diferente. Saberei acalmar-te e proteger-te.

— És muito bom — disse, sorridente. — Obrigado pela tua ajuda. Depois de ma ofereceres, não saberia prescindir dela.

Contraíram matrimónio em 1944. Judy sentia-se unida ao seu novo marido por um sentimento de afecto e gratidão. Era muito diferente das ilusões que tivera por David Rose, quando estava para contrair matrimónio com ele.

Dois anos mais tarde nascia a primeira filha de Judy e de Vicente Minnelli: Liza. Judy, com o nascimento de Liza, supunha ter reencontrado a calma e a serenidade. Continua o seu trabalho e interpreta, dirigida por seu marido e produzida por Arthur Freed, uma comédia musical em tecnicolor. Era seu par no filme Gene Kelly, seu antigo professor de dança.

Em 1950 surgiu, de repente, a tragédia. Numa quente manhã de Julho levantou-se o problema. Judy tomava o pequeno almoço na magnífica piscina situada num vasto e elegante jardim da sua residência. Acompanhavam-na o seu marido, Carleton Alsop, seu empresário, e Myrtle Tully, sua secretária.

— Recebi da Metro a notificação de que podem prescindir completamente do meu trabalho. Parece que já não sirvo para lhes fazer ganhar dinheiro. É inútil que decidam convencer Luís B. Mayer. Costuma tomar decisões inapeláveis — explicou, dando à sua notícia um ar de indiferença.

— Cinco mil dólares por semana é uma bonita



soma — disse Alsop. — Sou de opinião que Judy deve fazer o impossível para não os perder.

— O dinheiro não conta — rebatia Minnelli. — Importa-me a saúde de minha mulher. Nestes últimos meses, Judy protestou constantemente no seu trabalho, é verdade, mas não podia ser condescendente. Tem os nervos doentes.

A discussão continuava e nenhum dos quatro encontrava a solução conveniente. Por outro lado, ninguém ousava exprimir o seu pensamento com clareza; ninguém se atrevia a dizer à actriz: «Judy, realmente estás esgotada e necessitas abandonar o trabalho. Tomas demasiadas vitaminas, calmantes, reconstituintes e soporíferos. Começaste a dançar e a cantar antes de falar e andar, foste artista desde que nasceste e, além disso, nunca tiveste umas férias grandes para descansar. Estás desequilibrada e discutes com directores e produtores como se fossem escravos às tuas ordens...».

A cena desenrolava-se em silêncio, mas ninguém disse o que pensava. Judy levantou-se, desanimada.

— Não posso continuar esta vida — gritou fora de si.

Dirigiu-se para dentro de casa. A secretária seguiu-a e pôde vê-la entrar na casa de banho e fechar a porta à chave. Chamou imediatamente Minnelli, e este acorreu seguido de Alsop. Também, como noutra ocasião Frank Gumm fizera, Vicente Minnelli viu-se forçado a abrir a porta.

— Judy! — foi o grito desesperado que emitiu o marido.

Judy jazia na banheira com a garganta ensanguentada: tinha quebrado um vidro e, com um fragmento, tinha rasgado a garganta. O sangue flutuava e deslizava da banheira como uma cinta de fogo ardente. Os espelhos reflectiam a imagem de Judy com os olhos fechados, multiplicando a cena à volta da casa. O vaporoso vestido amarelo tingia-se de vermelho







A FELICIDADE *que precedeu* O DRAMA

Separada de David Rose, Judy conheceu, em 1944, o realizador Vicente Minnelli, que então dirigia o seu primeiro filme. Judy sofria já os primeiros sintomas de um forte abalo de nervos, e Minnelli, movido, a princípio, pelo desejo de a ajudar, acabou por contrair matrimónio com ela. Depois, nasceu uma filha, Liza. A felicidade parecia ter-se fixado definitivamente na vida de Judy. Mas, em 1950, desencadeou-se o drama que levou o realizador a solicitar o divórcio, e arrastou Judy para uma derrocada que parecia irremediável. Nestas fotos vemos algumas imagens desse período venturoso, incluindo um momento do acto solene em que a «vedeta» e o realizador uniram os seus destinos (foto de cima).





A VEDETA que ressuscitou!

Estas duas imagens assinalam a alvorada fulgurante de duas fases distintas da carreira de Judy — o nascimento e a ressurreição de uma grande «estrela». A primeira — uma cena da célebre película «O Feiticeiro de Oz» — lembra a consagração da vedeta-adolescente, que nesse filme ganhou o «Oscar» da Academia. A imagem de baixo — um momento do filme «Nasceu uma Estrela» — marca o renascimento sensacional da vedeta-mulher, após um doloroso período de obscurecimento. Também com esta produção Garland esteve prestes a conquistar um «Oscar».



irregularmente, e na mão de Judy ainda estava o vidro que momentos antes utilizara.

— Felizmente que a ferida é só superficial — disse o médico do hospital. — Não será preciso, sequer, o emprego de pontos; em poucos dias a ferida cicatrizará.

Acorreu a vê-la o seu descobridor do tempo em que ela tinha doze anos. Judy, ainda de cama, tinha os olhos inflamados, a cara triste.

— Sinto-o deveras, Judy. Não devias preocupar-te com isso. Tudo se arranjará — disse-lhe, com certo embaraço.

— Deram o meu papel a Jane Powell? — perguntou Judy.

Ele respondeu com um movimento afirmativo de cabeça.

Judy chorou com desconsolo. Katherine Hepburn, a actriz mais independente dos estúdios, entrou naquele momento e foi solicitada para tranquilizar a doente.

— Vamos, Judy. Já era oportunidade de teres um descanso — disse, enquanto acariciava a sua mão com delicadeza.
mim nos estúdios? — inquiriu--lhe Judy.
tou-lhe Judy.

— Toda a gente se preocupa contigo, querida. Virão ver-te.

Mas Judy sabia que a Hepburn havia mentido piedosamente. As duas tinham a certeza de que nem um só dos seus companheiros de trabalho, nem de todos aqueles que haviam aproveitado a fama de Judy para sentir-se apoiados por ela, viriam vê-la. Chamavam-lhe, nos estúdios, «A besta negra», e não deviam ter saudades dela.



Vicente Minnelli receou que o seu prestígio desmerecesse ante os produtores, depois deste escândalo. Declarava-se fracassado. Não podia tão pouco esquecer que, havia apenas duas semanas, Ethel Gumm, a que fora noutros tempos alegre bailrana da polca, tinha aparecido morta, de madrugada, atrás dum automóvel na garagem «Douglas», onde ela trabalhava para poder manter-se. O jovem director também não esquecia que Judy, durante as filmagens duma película da M.G.M., havia cometido as maiores excentricidades, até que decidiram entregar o seu papel a Betty Hutton. Acalentara a esperança de que a maternidade traria a serenidade a sua mulher, e, afinal, ela estava agora no hospital, convalescente duma tentativa de suicídio. Minnelli acreditava que Judy não tinha remédio. Tinha-se portado mal com sua mãe, a pobrezita da Ethel, que acabara por trabalhar numa garagem. Não fazia o menor caso de Liza, a sua filha. Engordava cada dia mais e riu descaradamente dum produtor que, certa manhã, a levou diante de um espelho, e comentou: «Mira-te bem, e diz-me se pensas continuar esta vida». Apesar de tudo, ele procurara arranjar as coisas. Mas, agora, tudo tinha terminado. Não se encontrava com forças para continuar ao lado daquela mulher.

Depois do seu restabelecimento, Judy acorreu ao tribunal para tratar com o seu marido do divórcio. Vicente Minnelli levava debaixo do braço o guião da película «Um americano em Paris». O papel que Judy tinha sonhado interpretar um dia...

Judy, que sabe aliar ao ritmo da música a mímica de uma comediante admirável, provocou este comentário nos lábios de Maurice Chevalier: «Ela é o Charlot do «music-hall»!».



EM BAIXO: São momentos como este que tornam incomparável a felicidade de ser mãe.

A ventura de ser MÃE

— APRECIADA POR UMA ESTRELA FAMOSA



A ESQ[...] mais prestigiosos cronistas cinematográficos de Hollywood escreveu acerca de Judy Garland: «Judy, a insatisfeita, está apenas segura de uma única felicidade: a de ser mãe!». E, ao admirarmos este instantâneo de ternura, em que mãe e filhos se confundem na mais íntima camaradagem, ao vermos a «estrela» alongar ansiosamente os braços para o filho mais pequenino, num desejo fremente de o aconchegar contra o peito, não duvidamos por um instante da verdade que encerra aquela afirmação. À DIREITA: Nesta altura, em que vivia feliz com o realizador Vicente Minnelli, tinha apenas uma filha, a pequena Liza. E todos notavam a fervorosa dedicação maternal da artista, mesmo quando a filha a visitava nos locais de filmagens.





À ESQUERDA: Uma das mais recentes fotografias de Judy-mamã, em que a vemos abraçada aos dois filhos do seu terceiro casamento, com o agente artístico Sid Luft: Lorna, de 6 anos, e Joe, de 2. Este instantâneo foi obtido em Londres, onde Judy foi apresentar um grande «show» com o qual fez uma «tournée» triunfante pelos Estados Unidos. Não há dúvida: longe ou perto do lar, e por mais importantes que sejam os seus compromissos artísticos, os filhos estão sempre em primeiro lugar no seu coração.

JUDY Garland, divorciada pela segunda vez, foi, sòzinha, para Nova Iorque. Agora podia comer guloseimas e deixar de fazer exercícios para conservar a linha. Desapareceu para o mundo do cinema, e por um tempo ninguém soube sequer se vivia. Ia a clubes nocturnos e ali permanecia até que fechavam. Pesava oitenta quilos, tomava estupefacientes e estava doente, moral e fìsicamente.

Seis meses depois, encontrou num cabaré Sidney Luft, ex-marido de Lynn Bary. Custou-lhe reconhecê-la. Entre os dois surgiu uma recíproca simpatia. Estiveram a dançar juntos, e, ao acompanhá-la a sua casa, Luft mostrou o desejo de vê-la no dia seguinte. Judy acedeu com prazer.

— A senhora Garland partiu, senhor — exjlicou o porteiro a Sidney Luft, quando este acorreu pontualmente ao encontro. — Já não vive nesta casa. Partiu ao meio-dia e não deixou direcção.

Apesar disso, a sorte acompanhava Sidney, e, uma semana depois, voltaram a encontrar-se num combate de boxe. Não fizeram comentários sobre a fuga de Judy, e concordaram que havia sido um mal-entendido do porteiro.

— Para que isso não torne a acontecer — disse ele, sorridente — vou mudar-me para um aposento próximo do teu, no mesmo hotel.

Judy ficara séria. Entraram num bar antes de chegar ao hotel, e sentaram-se ao balcão.

— Sid, a semana passada fui uma tonta. Porquê esse interesse por mim? Sou uma fracassada histérica, não possuo nenhum interesse... — disse, com voz cansada.

Sidney pegou-lhe na mão carinhosamente.

— Nasceste «estrela», Judy, e sê-lo-ás enquanto exista em ti um hálito de vida. Precisas apenas de recobrar a calma e a



Artista privilegiada do espectáculo musical — aos 3 anos como aos 35 — nada mais poderá surgir na sua vida que a leve a fugir desta verdade insofismável: Judy Garland nasceu junto do público, e para ele terá de viver sempre!

Eu recuperei a juventude!



TODOS sabem da minha quase milagrosa recuperação física, numa altura em que pesava oitenta quilos e deixara completamente ao abandono as minhas linhas. Pois bem. Porque passei por essa importante experiência, posso, por conhecimento próprio, dizer alguma coisa sobre a grande preocupação da mulher: a conservação da juventude.

Vou dizer um plano que pode ser excelente, porque inclui tudo o que é essencial.

1.° — Tomar, ao levantar, um copo-de-água fria.

2.° — Fazer exercícios especializados durante 15 ou 20 minutos.

3.° — Se vai passar a manhã em casa, limpe a pele e aplique um creme. A pele exige uma lubrificação diária.

4.° — Descanse um momento depois do almoço, se possível. Uma hora é o tempo ideal. Mas se não dispõe de uma hora, repouse durante 15 minutos. É surpreendente o efeito que nos causa esse repouso.

5.° — Antes ou depois do repouso, tirar o creme do rosto, aplicando um adstringente ou um tónico.

6.° — De tarde, passear ao ar livre durante uma hora pelo menos. O ideal é aproveitar essa hora para fazer algum exercício. Andar de bicicleta ou a pé — eis esplêndidos exercícios. Respirar profundamente o ar fresco.

7.° — Se possível, tomar um banho morno depois do exercício da tarde, antes de se preparar para o jantar. Isto proporciona outro período de descanso.

8.° — Antes de se deitar, lavar o rosto com cuidado. Fazer os exercícios faciais e do colo, fazer massagens no couro cabeludo e no pescoço. Gasta-se com isso menos de meia hora e o esforço é perfeitamente compensado.

9.° — Dormir pelo menos sete horas, ou oito, se possível.

Por JUDY GARLAND



A máscara da angústia que toldou o rosto alegre de Judy, durante uma negra fase de decadência espiritual e física. Quando soube que os estúdios se dispunham a dispensar o seu trabalho, a artista tentou pôr termo à vida. Salva milagrosamente, recebeu o choque do abandono do segundo marido (Vicente Minnelli), que não quis comprometer a sua carreira de realizador com o escândalo que a conduta de sua mulher provocava. Seguiu-se um terrível período de desolação, em que Judy se afastou de tudo e de todos. Comia e bebia sem regra, tomava estupefacientes e deixou-se afundar no mais completo abandono de si própria.

confiança em ti própria. Quero estar a teu lado, creio na tua arte, Judy, e quero infundir-te o meu ânimo. Por isso decidi mudar-me para mais perto de ti. É necessário que tenhas confiança e sinceridade para comigo.

Judy levantou-se. Estava impressionada pela simpatia e segurança de Luft.

— Vamo-nos daqui, Sid — disse. — No hotel falaremos mais còmodamente.

Chegaram ao hotel. Um edifício espaçoso e alegre da rua Quarenta e Dois. Um relógio duma torre próxima badalava a uma da madrugada.

— Desta vez não fugirás, não é verdade? — perguntou ele, com inquietação.

— Não, Sid; és a única pessoa em que creio neste momento.

— Então vai descansar. Teremos muito tempo para as nossas confidências.

No dia seguinte almoçaram juntos, e depois estiveram no apartamento de Judy para tomar café.

Judy contou a Sid as suas experiências matrimoniais e quis fazer um juízo dos seus maridos.

— Pensei muito nos meus fracassos como esposa. Eu tinha boa vontade nos dois casos. Talvez tenham sido eles os culpados. Serviram-se de mim para alcançar as suas aspirações artísticas. David na música, e Vicente no cinema. A minha vida sentimental foi um fracasso rotundo...

Seguiu-se uma pausa entre os dois. Judy expeliu uma espiral de fumo e exclamou depois, perdida nos seus pensamentos:

— Se conseguisse encontrar um homem! Voltaria ao princípio...

— Queres-me como teu agente? — perguntou ele, de súbito, após um silêncio.

— Suponho que isto é uma brincadeira — ripostou Judy, sorrindo. — E como tal, aceito-te como agente. Faz de mim uma estrela.

Sidney tirou um papel em branco da sua carteira e escreveu nele.

Depois do seu reaparecimento triunfal nos palcos de Londres, o nome de Judy Garland voltou a ser pronunciado com admiração e entusiasmo em toda a colónia cinematográfica de Hollywood. Sidney Luft, que orientou o regresso artístico de sua mulher, soube aproveitar hàbilmente essa explosão de interesse para conseguir um bom contrato com os estúdios da Warner Bros, o qual proporcionou a Judy voltar às telas cinematográficas com uma importante produção musical, «Nasceu uma Estrela». A «estrela» impôs como única condição que não trabalharia com os actores americanos que, nos seus dias amargos, lhe tinham voltado as costas. Foi, então, escolhido o actor inglês James Mason. Arquivamos nesta página duas imagens da sã camaradagem que os dois artistas desenvolveram durante as filmagens.













«Nasceu uma Estrela» foi a película sensacional que reabilitou Judy Garland para os muitos milhares de cinéfilos seus admiradores. A «estrela» reapareceu como nos seus melhores tempos, magnífica intérprete de «music-hall» e comediante irresistível.
Eis alguns momentos do filme, em que, com James Mason, constituiu um par cinematográfico que provocou a maior simpatia no público.

— Assina aqui. São as condições indispensáveis de todo o contrato.

— De acordo, Sid — disse ela, divertida pela brincadeira.

— E agora, pequena, vou ler-te a cartilha: de amanhã em diante, dieta e repouso, massagens e um tratamento de beleza. E muita constância. Serás quem eras, a «estrela» de Hollywood, e todas essas adventícias moder-se-ão de inveja... E agora, para comemorarmos, vamos dançar.

Quatro meses depois, fê-la olhar para um espelho:

— Repara: voltaste a ser Judy Garland. Agora podemos pensar no trabalho. Vou ordenar que recolham todas as canções que te fizeram famosa durante catorze anos, e vou imediatamente tratar de procurar um empresário que queira pôr o seu teatro à tua disposição.

Dias depois, lançada já a propaganda, receberam um telegrama que Sidney mostrou orgulhoso a Judy:

— É de Val Parnell, o director do «Paladium» de Londres. Oferece-te o seu teatro para que faças ali a tua reaparição perante o público.

— É maravilhoso, Sid! Ainda me recordo de Parnell do tempo em que estive em Londres com Mickey Rooney, há muitos anos. Se agora fosse como então!... — suspirou, saudosa. — Foi um êxito rotundo.

★

E chegou o dia da apresentação no «Paladium». Judy estava favorecida com um magnífico vestido da colecção de Christian Dior.

— Tenho medo, Sid. Parece que todo esse público veio ver como os leões devoram o domador — disse ela, nervosa.

— Tens a pólvora contigo. Vence-os. Ah! E toma cuidado quando lançares a pólvora. Lembra-te que levas um vestido que custa uma mina de dólares. Anda, a orquestra já ataca. Muitíssima sorte, querida!

Mas Judy não se moveu, sentia-se incapaz de fazê-lo. De repente começou a tremer, e os seus pés negavam-se a dar um só passo para o palco. As luzes acendiam-se e começava





JUDY ENCONTROU NESTE HOMEM

O agente artístico Sid Luft foi um verdadeiro anjo da guarda que apareceu na vida de Judy. Encontrou-a afundada no mais comovente estado de desânimo. Quanto à sua carreira, Judy não tinha as mínimas ilusões: o público esquecera-a, e agora, não passava de uma sensaborona que pesava oitenta quilos. Mas Sid, operando nela um milagre de força de vontade e de reabilitação, conseguia apresentá-la, meses depois, a cantar no «Paladium» de Londres. O seu reaparecimento foi sensacional. E a película que interpretou a seguir, «Nasceu uma Estrela», deveria mais exactamente chamar-se «Renasceu uma Estrela». Judy brilhava outra vez, com grande esplendor, no firmamento de Hollywood!





Compare-se esta imagem com as duas da página anterior. Esta mulher gorda, com vestes de quarentona desiludida, voltaria a ser, pouco tempo depois, a «vedeta» de linhas elegantes, confiante nas suas possibilidades e no seu público. Dieta e repouso rigorosos, massagens e tratamentos de beleza, fizeram a recuperação física. Quanto ao revigoramento espiritual, Judy sabe que só o deve à presença e ao amor de Luft, o marido carinhoso junto do qual reencontrou a felicidade.

O SEU ANJO DA FELICIDADE!

a subir o pano. Não podia mover-se, tinha vontade de chorar, de refugiar-se nos braços de Sindey e regressar ao hotel. Sidney compreendeu o drama de Judy e actuou rápido. Agarrou-a pelas costas e empurrou-a para o palco. Judy, ao receber a luz dos projectores, sentiu os olhos feridos. Procurava o microfone como se ele fora a vida. Estava indecisa e desconcertada. No teatro tudo era silêncio aterrador. Judy desfaleceu por momentos.

— Ânimo, Judy!

O grito havia irrompido com força extraordinária e Judy levantou a cabeça instantâneamente. Reconheceu a voz, era inconfundível. Ali estavam os seus amigos e animavam-na a triunfar. Aquele «Ânimo, Judy!», de Danny Kaye era uma prova. Estava emocionada. Já não temia o seu trabalho, não queria defraudar os seus amigos, nem Sidney, nem Val Parnell, nem a si própria. E começou a cantar com lágrimas nos olhos. A voz impunha-se decidida, sem titubear. Em poucos minutos, Judy havia esquecido a sua tragédia e vivia ùnicamente para a música, para aquilo para que havia nascido, para a música que era a razão da sua vida.

Os aplausos prolongaram-se como se a noite não tivesse que ter fim. Foi um êxito inenarrável, fabuloso. Ninguém se movia dos seus lugares, e, de pé, gritavam elogios ao seu trabalho. O pano levantou-se quatro, seis, oito, doze e até vinte e cinco vezes, sem que uma só pessoa abandonasse a plateia. Nem a própria Duquesa de Kent, que ocupava um camarote.

— Agora, à conquista de Hollywood! — foram as palavras de Sidney, enquanto Judy chorava, emocionada, nos seus braços.

★

FORAM vinte semanas de êxito em Londres. A notícia da sua ressurreição chegou até Hollywood. Depois, regressou a Nova Iorque com um milhão de dólares de lucro.

Circulavam rumores maliciosos acerca das suas relações amistosas com Luft, e ambos decidiram pôr fim àqueles murmúrios, que podiam ser prejudiciais para a cura moral que Judy havia conseguido. Contraíram matrimónio. Sabiam-se plenamente convencidos do seu carinho, e ambos buscavam a felicidade quase com desespero.

Depois nasceu Lorna, que aumentou a família já formada pelo casal, por Liza, a primeira filha de Judy, e por John, o filho de Sidney e de Lynn Bary. Tudo voltava ao seu devido lugar. A calma e a harmonia reinava no novo lar de Judy e Sidney. Foram recebidos de novo em todo o ambiente puritano de Hollywood.

Sidney não dizia nada, mas lutava sempre. Entendia que, para salvar definitivamente a sua mulher, era preciso que voltasse a filmar, e não parou até conseguir o seu intento. Judy filmou para a Warner «Nasceu uma estrela», e pôs como única condição que não trabalharia com os actores americanos que nos seus dias amargos lhe haviam voltado as costas. Foi escolhido James Mason e posto de parte Cary Grant, indicado anteriormente. George Cukor era o director.

O êxito de «Nasceu uma estrela» foi a nova consagração de Judy Garland, até ao ponto de haver sido proposta para o «Oscar», que finalmente entregaram a Grace Kelly. Judy Garland recebeu a notícia numa clínica em que se encontrava esperando pelo terceiro filho, com este comentário acompanhado dum franco sorriso de serenidade.

— Esperemos o próximo ano!

...E, desse momento até hoje, a vida de Judy Garland — a artista que se reencontrou a si mesma e ao triunfo — voltou a ser a vida normal de uma «estrela» cintilante, adorada e feliz...

FIM







N. 25

PREÇO 2$0